

OS PAINÉIS DOS ANTIGOS PASSOS DA BAÍA

O Museu Histórico possui nove curiosos painéis representando os Passos da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo : seis pintados sobre madeira, com antigas molduras douradas, de estilo barroco, e três pintados sobre tela com molduras singelas, envernizadas, postas modernamente. Esses painéis foram oferecidos pelo Dr. José Mariano, que os trouxe da Baía, onde os adquiriu num antiquário. Nas costas de alguns deles, lê-se, escrita à tinta, a indicação do lugar onde deviam ser colocados: *Largo do Arcebispo, Portas do Carmo, Terreiro, Saldanha, Atrás da Sé e Praça do Terreiro*. Nada mais se sabe a respeito de tão interessantes documentos. Não trazem assinatura do pintor, nem indicações que possam facilitar o estudo dos mesmos.

Os pintados em madeira revelam grande ingenuidade no desenho e no colorido. A composição dos grupos é primitiva e as figuras grosseiras, chegando algumas a ser verdadeiramente caricaturais, com grande exagero de narizes curvos. Os pintados em tela, apesar de descoloridos e bastante danificados pelo tempo, apresentam desenho melhor, de feição mais clássica e devem certamente ser muito mais modernos.

É impossível dizer se tais pinturas se devem a um artista local, brasileiro ou português, ou se vieram da metrópole para a Baía.

Na igreja de Santo Antonio dos Olivais, nos arredores de Coimbra, construída no século XVIII, existem alguns painéis dos Passos do Calvário, cuja inspiração e técnica são as mesmas dos pintados em madeira, da Baía, guardados no nosso Museu Histórico. Parecem até obra do mesmo pintor, segundo afirma em notas para o Catálogo Geral do Museu, seu diretor, o Dr. Gustavo Barroso, que também visitou aquela igreja e os observou demoradamente.

Aos painéis baianos existentes no Museu Histórico pode-se atribuir esta data : fins do século XVII a começo do XVIII.

Os em madeira, conforme as indicações no verso, eram para uso externo das procissões tradicionais dos Passos. Os em tela decerto seriam do interior de qualquer templo.

Desde que os jesuitas começaram a catequese dos índios, instituíram as procissões com caráter penitencial ou votivo, comemorando as nossas vitórias militares, as grandes datas e as festas religiosas. Grande era o número de fiéis que tomavam parte nelas, sendo a maior das distrações para o povo, naquele tempo.

Para o nosso estudo interessa sobretudo a procissão dos Passos da Paixão de Cristo, introduzida no Brasil pelos frades carmelitas calçados, que durante o período colonial tiveram o privilégio da realização dessa cerimônia.

Em quase todas as cidades do Brasil, faziam-se sete procissões quaresmais, uma em cada sexta-feira. Na quinta sexta-feira da quaresma, a dos "Passos da Paixão de Cristo", também chamada do Encontro, era notável. A chamada propriamente dos Passos saía da Matriz ou de outra igreja. A de Nossa Senhora das Dores, saindo de outro templo, seguindo itinerários diferentes, as duas se encontravam em uma praça determinada para isso, onde, dum púlpito previamente colocado ou duma sacada, um sacerdote pronunciava o chamado sermão do Encontro.

A imagem do Bom Jesús parava nas estações da Via-Sacra onde se punham retábulos ou pinturas representando os Passos da Paixão de Cristo. Aí se cantavam motetos e o *O' vos omnes*.

O préstito tinha grande imponência. As mulheres exibiam seus melhores vestidos e as mais ricas joias. No trajecto da procissão, à passagem das imagens, queimava-se incenso nas ruas e os moradores punham mangas de vidro com velas acesas nas janelas enfeitadas com colchas de seda e damasco. Juncava-se o chão com palmas, ramos e flores.

De várias igrejas da Baía saía essa procissão, tornando-se um tanto difícil afirmar a qual delas pertenceram os painéis que estudamos. Lendo o precioso trabalho do Sr. João da Silva Campos, "Procissões tradicionais da Baía", publicado pelo Museu da Baía, encontramos na descrição da tradicional Procissão do



Painéis dos antigos Pas-
 sos da Bala, existentes
 no Museu Histórico. Pin-
 tura sobre madeira.



Senhor dos Martírios, a indicação do seu trajeto, que transcrevemos : “o trajeto da procissão fazia-se de *porta a porta* da cidade. Assim. Galgava a Ladeira de São Bento, indo até o portão da Piedade quando ali existia realmente uma daquelas portas. Cruzava a praça da Piedade. Tornava pelo Duarte, Cabeça e rua de Baixo. Subia o largo do Teatro, ganhando as ruas do Pão-de-Ló e do Saldanha. Atravessava o Terreiro, descia o Maciel, dando a volta ao largo do Pelourinho, e pela rua das Portas do Carmo, Terreiro, outra vez, ruas do Colégio, Atrás da Sé e da Misericórdia, praça e rua Direita de Palácio, ia por fim recolher-se. Nos últimos tempos, porem, reduzira-se de muito e muito o seu giro”.

Entre os locais apontados nesse itinerário, são de notar os seguintes : *Saldanha, Terreiro, Portas do Carmo, Terreiro e Atrás da Sé*, que correspondem a cinco dos indicados nas costas dos velhos painéis de madeira existentes no Museu Histórico.

A essa nota que nos dá um meio de identificar tais painéis como tendo servido nas procissões baianas, acrescente-se a afirmação do citado autor de que a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios já existia em 1764 na Capela de Nossa Senhora do Rosário, na Baixa dos Sapateiros. Isto nos permite verificar que os painéis estudados só podem ser anteriores a essa data.

Na citada obra, sobre a Irmandade dos Passos da Ajuda, na Baía, diz João da Silva Campos que era costume por nos nichos dos Passos da cidade telas ou retábulos. Algumas dessas pinturas recolhidas ao Museu do Estado eram de autoria do pintor baiano José Rodrigues Nunes, discípulo de Franco Velasco. E acrescenta : “Os primitivos eram devidos ao pincel do grande artista José Teófilo de Jesús”.

Diante disso, é possível indagar : não serão as três telas dos Passos expostas no Museu Histórico, absolutamente diversas dos painéis em madeira, pela feitura correta, pela composição artística, pela expressão clássica obra de José Teófilo de Jesús, que nasceu no século XVIII e morreu quase octogenário em 1847 ?

Sobre a autoria dos Passos pintados em madeira é impossível qualquer indagação dessa natureza diante dos poucos elementos de prova de que dispomos.



Painéis dos antigos Pas-
sos da Bala, existentes
no Museu Histórico. Pin-
tura sobre madeira.



Os nove Passos do Museu Histórico envolvem-se em mistério quanto à sua origem, mas são veneráveis testemunhas do costume das antigas procissões nas nossas cidades e os pincéis que os debuxaram nas telas e nas madeiras deixaram nas primeiras impressa uma afirmação de arte, nas segundas um sentimento ingênuo e profundo : a dor na figura do Cristo, a monstruosidade e a frieza na dos seus algozes.

*
* *
*

A palavra *procissão* vem do latim *processio* e significa um *desfile* de carater civil ou religioso. Havia na Roma antiga a *procissão consular*. Da Idade Média até nossos dias a palavra *procissão* é empregada exclusivamente no sentido religioso.

Todas as religiões do mundo, menos a judaica, fizeram ou fazem ainda uso das procissões. As cerimônias dessa natureza realizadas pelos antigos colégios sacerdotais do Egito, da Grécia, da Assíria, da Pérsia e da Índia exibiam um fausto verdadeiramente espetacular. Os gregos chamavam-lhes *teorias*. Em Roma, tiveram fama as denominadas *procissões triunfais*.

As procissões foram postas em uso pela Igreja Católica desde os primeiros séculos do Cristianismo. Elas obedecem à liturgia e se dividem em :

a) *procissões de benção*, para abençoar lugares e populações, algumas com data pre-determinada como a do Domingo de Ramos ;

b) *procissões votivas*, feitas em obediência a um voto ou promessa, instituídas por altas personalidades ;

c) *procissões de transladação*, com que se transladam relíquias ou imagens dum templo para outro;

d) *procissões rogatórias* ou *de preces*, pedindo graças.

e) *procissões de peregrinação*, as feitas pelos romeiros ou peregrinos em torno do objeto da sua romagem ou peregrinação;

f) *procissões comemorativas*, as que relembram aos fiéis as grandes datas ou os grandes acontecimentos da História Sagrada.

A organização de qualquer uma dessas procissões obedece a preceitos litúrgicos. À frente, abrindo o préstito, vai uma cruz alçada, levada por um sacerdote entre dois acólitos ; depois, as



Painel dos antigos Passos da Baía, existente no Museu Histórico. Pintura sobre madeira.

irmandades, corporações, cantores, anjos e demais figurantes; enfim, o clero e, fechando a marcha, sob o pálio, o oficiante. O povo acompanha a este.

★

★

★

No Brasil, faziam-se, ainda, as *procissões de preces*, pedindo clemência para as calamidades que assolam as terras, os gados e os homens: secas, inundações, epizootias, pestes, etc. Em geral, eram feitas exclusivamente pelo povo e despidas de qualquer imponência.

Segundo Melo Moraes Filho, no livro "Festas e tradições populares", se havia diversas igrejas na localidade assolada, as procissões que delas saíam se encontravam com seu acompanhamento de fiéis; trocavam-se então as imagens nos templos, só voltando aos seus respectivos altares depois que caía a primeira chuva.

Durante o percurso, cantavam as seguintes rogações:

Virgem Santa dos Remédios
Que a todos remediais,
Nós, que somos pecadores,
Cada vez pecamos mais.
Rainha de eterna glória,
Mãe de Deus, doce e clemente,
Dai-nos água que nos molhe,
Dai-nos pão que nos sustente.

E, mais adiante, continuavam:

Compadecei-vos, Senhora
De nossos prantos e dores,
Morremos todos de sede
Porque somos pecadores.
Pedimos a vós, Senhora,
Dona da terra e do mar,
Refrigério para o corpo.
Graça para vos amar.

★

★

★



Painel dos antigos Pas-
sos da Baía, existente
no Museu Histórico. Pin-
tura sobre madeira.



Painel dos antigos Pas-
sos da Baía, existente
no Museu Histórico. Pin-
tura sobre tela.

A procissão denominada de Passos é simplesmente o Caminho do Calvário. Dentro de todas as igrejas se veem pelas paredes os retábulos em que estão figuradas as quatorze estações desse percurso. As primitivas procissões eram feitas dentro das igrejas, onde se rezava ao pé de cada um desses retábulos. Ainda hoje se pratica esse ato da liturgia.

A procissão levou-o para o exterior do templo. Em geral, as cerimônias comemorativas do Caminho do Calvário constam nas nossas velhas cidades, de acordo com a tradição que vem dos tempos coloniais, de três procissões que se combinam para um efeito único.

A primeira é a chamada Procissão do Depósito. Realiza-se na quinta-feira, véspera da sexta-feira de Passos, à noite. É uma procissão rápida, discreta, pouco numerosa, feita à luz de círios e archotes. Destina-se a levar da Matriz ou Sé-Catedral a imagem de Nosso Senhor para outra igreja ou para uma capela, de onde ela sairá no dia seguinte a percorrer os Passos e a ser recolhida ao templo de onde saiu.

A segunda é a denominada Procissão do Encontro, composta mais por elementos femininos do que masculinos. Ela conduz a imagem de Nossa Senhora das Dores ao encontro previamente marcado num logradouro público, onde se encontrará com a de seu Filho a caminho da Crucificação. Prega-se nesse local, por essa ocasião, o *sermão do encontro*. A cerimônia lembra o doloroso encontro da Virgem Mãe e de seu Divino Filho.

A terceira é a Procissão de Passos, propriamente dita. Precedida pelo Farricoco, que toca a matraca, e pelo grande estandarte com as iniciais S.P.Q.R., que representa Roma, compõem-na as longas filas dos seminaristas e das irmandades, ao fim das quais entre os Irmãos do Santíssimo Sacramento e da Misericórdia, vem o andor com o Bom Jesus carregando o lenho. Depois, o pálio e debaixo do mesmo as autoridades eclesiásticas e seculares. Fechando o préstito, a banda de música e as ondas de povo.

As irmandades usam opas com cores tradicionais: vermelhas as do Santíssimo, roxas as de Nossa Senhora das Dores, pretas



Painéis dos antigos Passos da Baía, existentes no Museu Histórico. Pintura sobre Tela.



as da Misericórdia, brancas orladas de azul as do Rosário, verdes as das Almas.

★

★ ★

Ainda na Baía perdura a tradição dos Passos que se faziam pelas ruas na chamada *rua do Passo*. Alguns teem querido chamá-la *rua do Paço* e afirmam que num de seus sobradões se hospedou o Príncipe Regente D. João, quando veio de Portugal. A propósito, o sr. João da Silva Campos escreve em "Tempo Antigo": "Ora, tal história é falsa. O futuro dom João VI, no curto espaço de tempo, trinta e dois dias, que permaneceu na Baía, albergou-se no casarão da praça de Palácio, residência, até então, desde 1549, dos vice-reis e governadores gerais do Estado do Brasil, e, depois, dos capitães-gerais da Capitania Geral da Baía.

Mas, suponhamos que estou enganado. Que, o Príncipe Regente se aposentou realmente, ou no largo do Carmo, ou ao lado da igreja paroquial da rua do Passo.

Pois, ainda assim, provarei de maneira irrefragavel, insofismavel, irretorquivel, que a residência do adiposo rebento da estirpe de Bragança no local, nenhuma influência exerceu na adoção do topônimo em lide.

Querem ver? Abram o livro 3.^o de termos dos irmãos da Misericórdia, que se encontra no arquivo da Santa Casa, e nele, às folhas 166 verso, inteirar-se-ão de que no ano de 1703 já se denominava aquela via pública *rua do Passo do Carmo*. Que argumento poderá prevalecer contra tão robusta prova documental?

Aliás, não me era preciso ir tão longe. Os advogados da denominação de *rua do Paço* jamais folhearam o *Novo Orbe Seráfico*, de frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, falta em que não tem o direito de incorrer quem quer que verse assuntos da história baiana. Assim, às páginas 295 do volume I, parte 2.^a, estão as seguintes linhas referentes à matriz da rua do Passo: "Fica esta igreja na rua que chamam do Passo". Note-se isto: a volumosa obra do frade pernambucano ficou pronta em 1760.

Em um maço de documentos existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar, de Lisboa, contendo informações das freguesias do arcebispado da Baía, prestadas pelos respectivos vigários

no ano de 1756, em virtude de determinação régia, lê-se, na parte referente á freguesia do "Sacramento da Rua do Passo da Baía", que a sua matriz se elevava na "rua do Passo". Encontra-se isso no livro de Braz do Amaral, *Recordações Históricas*. Tais informações foram também incluídas nas anotações do citado historiógrafo às *Memórias históricas*, de Acioli, e veem no *Inventário*, de Eduardo de Castro e Almeida.

Desnecessário é acumular mais provas.

Afinal, por que "rua do Passo?" Por que, segundo aquele velho livro do arquivo da Santa Casa de Misericórdia, "rua do Passo do Carmo?"

Simple a resposta. A procissão do Senhor dos Passos, que ora sai da igreja da Ajuda, saía outrora, provavelmente desde antes de 1619 até 1823, da igreja do Convento do Carmo, visitando no seu giro sete passos, como até agora acontece, embora localizados estes em pontos na maioria diferentes dos d'antanho. Um deles, certamente o primeiro, seria na rua em apreço.

Eis as razões que me assistem para grafar "rua do Passo", e não "rua do Paço".

Assim a existência da famosa rua do Passo do Carmo recorda a velha procissão baiana, cujos painéis dos Passos, sendo um das Portas do Carmo, se acham no Museu Histórico.

NAIR DE MORAES CARVALHO
(Conservador cl. H. do Museu Histórico)

BIBLIOGRAFIA

BOCCANERA JUNIOR, SÍLIO — *Baía Histórica*.

CALMON, PEDRO — *Espírito da Sociedade Colonial*.

DEBRET, JEAN BAPTISTE — *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*.

JABOATÃO, ANTÔNIO DE SANTA MARIA, frei — *Novo Orbẽ Seráfico Brasileiro*.

MELO MORAIS — *Brasil Histórico*.

MELO MORAIS FILHO — *Festas e tradições populares*.

MULLER, CRISTIANO, cônego — *Memória histórica sobre a Religião na Baía*.

QUERINO, MANUEL — *A Baía de outrora*.

Artistas Baianos.

SILVA CAMPOS, João da — *Procissões tradicionais da Baía*.

Tempo Antigo.

TAUNAY, AFONSO D'E — *Na Baía colonial*, in *Revista do Instituto Histórico*,
tomo 90.